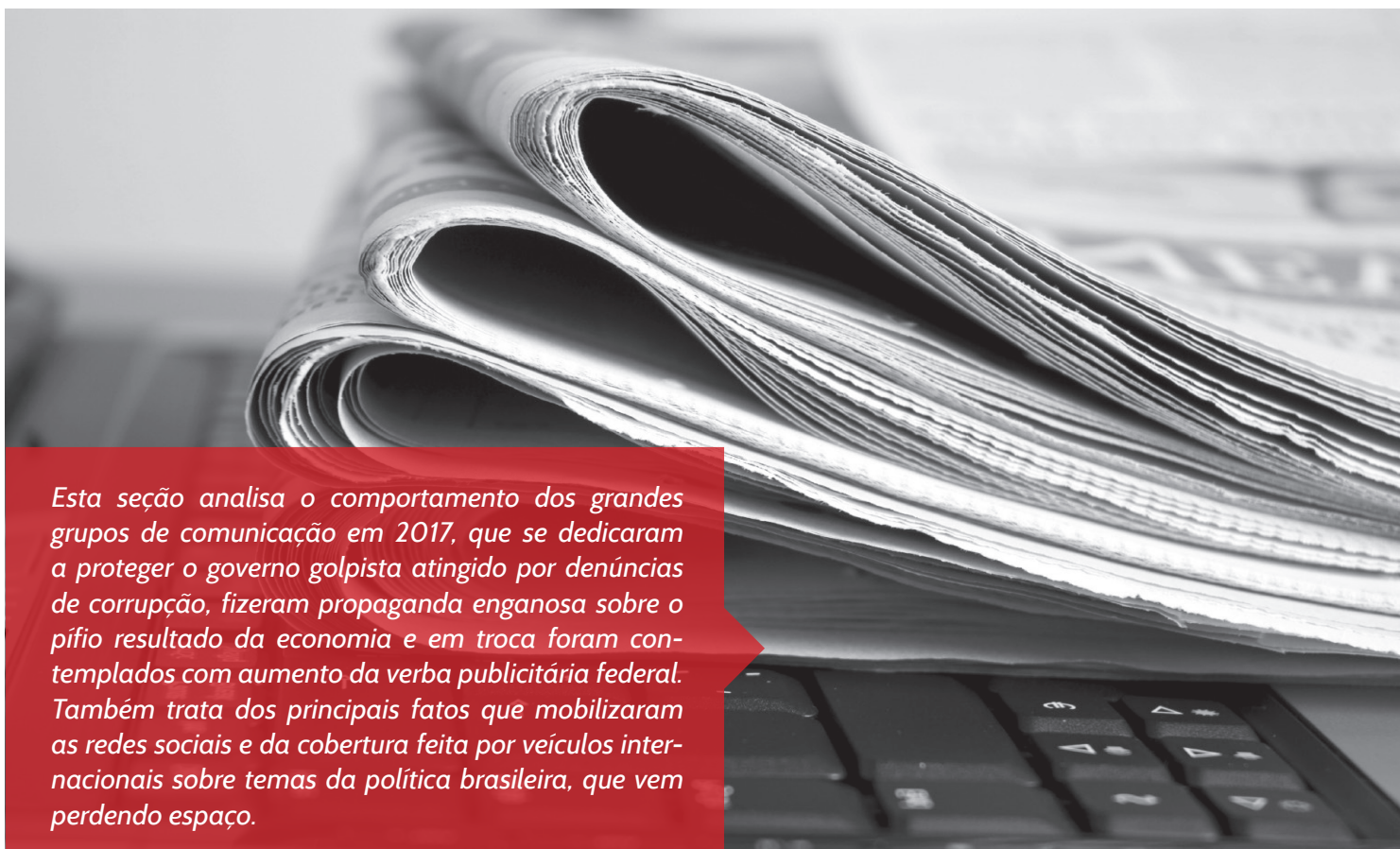


COMUNICAÇÃO



Esta seção analisa o comportamento dos grandes grupos de comunicação em 2017, que se dedicaram a proteger o governo golpista atingido por denúncias de corrupção, fizeram propaganda enganosa sobre o pífio resultado da economia e em troca foram contemplados com aumento da verba publicitária federal. Também trata dos principais fatos que mobilizaram as redes sociais e da cobertura feita por veículos internacionais sobre temas da política brasileira, que vem perdendo espaço.

Grande mídia: o real motivo do apoio ao golpe

Em 2017, os grandes grupos de comunicação nacionais demonstraram com absoluta clareza os reais motivos pelos quais apoiaram o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Tão logo aprovado o impeachment, passaram a usar toda sorte de manipulação para defender o governo golpista, esconder da sociedade os efeitos nefastos de sua política econômica e apoiar as reformas que fazem retroceder mais de um século os direitos sociais no Brasil.

Este posicionamento é identificado em vários editoriais publicados ao longo do ano sobre alguns dos temas que pautaram a política nacional. Entre eles, a ideia de que os indicadores econômicos recentes demonstram a saída da recessão e sinalizam uma importante recuperação da economia, além de melhores condições de vida para o povo brasileiro, vem sendo recorrente em textos publicados pelos grandes grupos. Também a aprovação da Reforma da Previdência como único caminho de “salvar” as contas públicas e o enaltecimento da Reforma Tra-

balhista que entrou em vigor para geração de empregos tornou-se argumento comum.

A análise publicada no blog *Imprensa* no dia 6 de dezembro ilustra bem a artimanha do jornal *O Estado de São Paulo* para que o “pibinho” de Temer aparecesse como retomada do crescimento. À época do fim do primeiro mandato da presidenta eleita Dilma Rousseff, o jornal noticiara “Dilma encerra mandato de quatro anos de ‘pibinho’”. No jornal, o resultado final do PIB de 2013, de 2,5%, era apresentado no diminutivo. O mesmo *Estadão*, contudo, noticiou que o “Governo já vê maior avanço do PIB em 2018 e 2019”. Na matéria recente, afirma que a expectativa de alta para o PIB - e não mais pibinho - deste ano passou de 0,73% para 0,89%.

Permeado por um arsenal de análises alvissareiras em relação ao desempenho da economia com o governo Temer, o *Estadão* também publicou, em 17 de outubro, o editorial “Pobres saem do sufoco”, uma análise que ignora o gravíssimo quadro social do Brasil pós-golpe: “As famílias de baixa renda,

geralmente as mais prejudicadas quando os preços disparam, estão sendo beneficiadas pelo recuo da inflação. Aos poucos, e ainda com muito cuidado, voltam a diversificar as despesas, buscando no comércio algo além do essencial para a sobrevivência. Com alimentos menos caros, sobra mais dinheiro para outros bens e serviços. Elevam-se, portanto, os padrões de consumo. Apesar disso, o normal ainda é reclamar da vida, como se nada tivesse melhorado, mas o movimento nos shoppings e outros indicadores mostram um ambiente de maior animação.”

Outros editoriais publicados recentemente reafirmam o compromisso dos grupos de comunicação com a defesa dos interesses da elite, como aquele publicado em 28 de agosto pela *Folha de S.Paulo*, com o título “Sanear o Estado”, que enaltece o projeto privatista do atual governo. “O plano de Michel Temer (PMDB) para desestatizar a economia é pleno de propósitos corretos - e tornou-se ainda mais ambicioso... Além de nova e extensa rodada de concessões de serviços à iniciativa privada, que inclui aeroportos como o de Congonhas, retoma-se a venda de estatais, da gigante Eletrobras à Casa da Moeda... Além de revigorar a minguante infraestrutura nacional, tais projetos levariam dinheiro para cofres federais vazios. Serviriam também de impulso para a ainda exígua recuperação econômica.”

Um texto emblemático em relação ao posicionamento da grande imprensa é o editorial do jornal *O Globo* publicado em 27 de outubro, que defende a Reforma da Previdência “sob o risco de o atual movimento de recuperação da economia terminar abortado por falta de perspectiva real de um reequilíbrio sustentado das contas públicas”. No mesmo texto, o jornal aproveita para atacar a iniciativa da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra), de recomendar às categorias que descumpram a Reforma Trabalhista que entrou em vigor em novembro.

Levantamento publicado em 21 de maio pelo blog *O Cafezinho* ajuda a explicar o posicionamento dos grandes grupos. Segundo o texto, o governo golpista fez anúncios da ordem de 153,9 milhões de reais em doze meses, o que configurava, naquele período, um aumento de 21% sobre 2016. Os nú-

meros não consideram a publicidade das empresas estatais, responsáveis por cerca de dois terços da publicidade federal. O texto baseia-se em dados da Secretaria de Comunicação do governo federal (Secom). Assim como o governo “compra” apoio dos parlamentares para aprovar medidas impopulares, aumenta os gastos em publicidade para defendê-las perante a opinião pública.

Redes sociais se consolidam na disputa ideológica

As redes sociais em 2017 não apenas se consolidaram como grande seara de disputa comunicacional e ideológica, mas também se mostraram um espelho cristalino do que é debatido fora de um contexto digital. As ferramentas de monitoramento se aperfeiçoaram tanto no presente ano que expressões como *Big Data*, algoritmos, *bots* e *ciborgs* já se tornaram naturais ao vocabulário de quem discute política nas plataformas on-line.

Nesse contexto, ao mesmo tempo em que os usuários e as plataformas vão se aprimorando no uso das redes sociais on-line, as ferramentas passam a possibilitar análises muito mais complexas e completas, como é o caso da morte do ministro do Supremo Tribunal Federal, Teori Zavascki, em janeiro.

A morte de Teori

Teori, como se sabe, não só foi vítima de um acidente aéreo em Paraty (RJ) como também de muitas teorias conspiratórias em torno de sua morte. No twitter, pudemos analisar que o volume de ocorrências superou com tranquilidade a marca de 250 mil, o que colocou seu nome [Teori] nas primeiras colocações entre os assuntos mais falados no mundo nos dias subsequentes à sua morte.

A análise do caso nas redes sociais on-line permitiu a visualização de três grupos distintos: dois deles já consolidados no embate político cotidiano, e; um agrupamento extraordinário que pouco participa das pautas políticas.

O agrupamento mais conservador e alinhado à direita do espectro político se organizou em torno da tentativa de ligar o caso tratado com a morte do ex-prefeito Celso Daniel, sugerindo que o PT, por

supostamente estar interessado no fim da Operação Lava Jato, estivesse envolvido de alguma maneira no acidente.

Este agrupamento conseguiu, em certa medida, pautar as discussões dos usuários que não costumam se envolver com política, sugerindo a replicação desta teoria conspiratória para não mais que um quinto dos usuários.

Já o campo progressista logrou êxito em relembrar o grampo no qual o senador do PMDB (MT), Romero Jucá, é gravado dizendo que era necessário “estancar a sangria”, sendo que Teori era o ministro com menor abertura para conversas nesse sentido. Além de Romero e do PMDB, o PSDB também sofreu ataques nesse sentido.

Depoimento de Lula para Moro em Curitiba

O maior acontecimento em volume de menções na política brasileira se deu, porém, – para além do inusitado acidente do ministro do STF – quando o ex-presidente Lula visitou Curitiba e o juiz Sergio Moro.

Com mais de 850 mil menções durante o dia do depoimento, duas *hashtags* se digladiaram pela liderança do *trending topics* mundial, uma pela direita [#MoroOrgulhoBrasileiro] e outra pela esquerda [#MoroPersegueLula]. Como é de se esperar – resultado de um volume colossal de menções ao depoimento – agrupamentos costumeiramente avessos ao embate político nas redes participaram com bastante empenho deste episódio.

Para além das *hashtags* citadas, chamou atenção o volume de menções de outros termos que visitaram a lista de assuntos mais falados do dia.

Acusações à figura do ex-presidente e ataques frontais à reputação da já falecida companheira Marisa Leticia foram muito utilizados pelos grupos conservadores, enquanto, pelo campo progressista, a perseguição a Lula foi o mote central. No agrupamento cuja pauta foi regada a humor e sátiras, o *sex appeal* do ex-presidente foi ressaltado sob o seguinte contexto: “Se eu pudesse também seguraria um homem desses cinco horas conversando comigo!”, fazendo um paralelo ao longíssimo depoimento de Lula.

TERMO MONITORADO	MENÇÕES CAPTURADAS
Lula	455.089
#LulaEuConfio	111.795
#MoroOrgulhoBrasileiro	148.946
#MoroPersegueLula	126.022
TOTAL	841.842

O Brasil na imprensa internacional

Os jornais estrangeiros não têm um enorme interesse pelo que acontece na política brasileira. Aliás, esse interesse parece ser cada vez menor em função do papel do Brasil no cenário internacional, que se torna insignificante. O que atrai a atenção desses jornais são

as convulsões sociais – que já não acontecem mais – ou medidas políticas que sejam capazes de reverberar no mundo. O Brasil encaixa-se nesse segundo quesito.

Ao invés de se consolidar como uma grande economia e como um país avançado em termos de políticas sociais, tomou o caminho contrário. O governo gol-

pista de Michel Temer adotou medidas que favorecem, única e exclusivamente, o mercado financeiro especulativo: vendeu barato o que não tinha preço. Trata-se do pré-sal, das seguidas tentativas de entregar reservas minerais, da facilitação do avanço do agronegócio sobre as florestas, a diminuição da fiscalização que funcionava como única protetora de tribos indígenas isoladas na Amazônia.

Os ataques ao meio ambiente, às florestas e aos povos originários dessa terra foram noticiados pelo jornal inglês *The Guardian*, pelo francês *Le Monde* e pelo estadunidense *New York Times*. É evidente que esses jornais não denunciam que o Brasil esteja vendendo suas riquezas, e, sim, o retrocesso do país diante do caminho que a comunidade internacional vem decidindo tomar para diminuir a emissão de poluentes e criar mecanismos para reduzir o desmatamento e aumentar o respeito a todos os povos. O ataque às riquezas naturais do Brasil está bem longe de ser o único dos retrocessos.

Recentemente, o periódico francês *Libération* publicou a reportagem “Brasil: o novo laboratório do neoliberalismo”. O espanhol *El Mundo* também se referiu à agenda política como sendo neoliberal. Os dois veículos tratam da precarização da vida do cidadão brasileiro: salários mais baixos, contratos de trabalho precários, possibilidade de aumento da jornada diária, menos poder para negociar com os patrões e a diminuição veloz dos mecanismos de proteção social. Tudo isso faz com que o cidadão, fundamental para o funcionamento de qualquer empresa por ser a força de trabalho, torne-se algo quase descartável.

A criação dos contratos intermitentes é algo ainda mais nefasto. Os trabalhadores que forem submetidos a esse tipo de regime de trabalho não vão conseguir sequer ganhar um salário mínimo ao fim do mês, não vão ter dinheiro suficiente para contribuir com a Previdência. A tentativa de alterar as regras de fiscalização do trabalho análogo à escravidão foi outro tema bastante noticiado na Europa, principalmente.

Não foram feitas grandes críticas, mas o simples fato de ter sido noticiado já é significativo, porque, como já foi dito, não é qualquer fato que vale a publicação de reportagens pelos jornais estrangeiros.

Para o mundo, as notícias são de que o Brasil está colocando suas riquezas à venda em uma grande promoção e submetendo os seus cidadãos a condições de vida mais precárias. Há ainda outro ponto que nos últimos anos se tornou uma marca registrada quando o assunto é o Brasil e, em 2017, ganhou novos desdobramentos: a corrupção. Os jornais franceses que costumam ser críticos e analíticos informaram sobre o custo da Operação Lava Jato. As notícias foram publicadas pelo *Libération* e pelo *Le Monde*. Esse último ainda publicou algumas outras reportagens sobre o assunto, sempre criticando a postura dos parlamentares que inacreditavelmente protegeram Aécio Neves e o presidente Michel Temer.

Todos os jornais costumam lembrar que mais de dois terços dos parlamentares são alvos da Justiça. Uma reportagem do *Le Monde* fala sobre uma expressão bem popular entre os brasileiros, a de que tudo “acaba em pizza”. O periódico lamenta que o povo brasileiro já esteja tão acostumado com casos polêmicos que, simplesmente, não chegam ao fim.

O mais interessante em acompanhar a cobertura que a imprensa internacional faz do Brasil é comparar com os jornais daqui. Evidentemente que como essa produção dos estrangeiros é menor, as reportagens produzidas por eles sempre são muito mais analíticas. Porém, fica claro que os jornais brasileiros não analisam nada e não geram reflexão alguma. A palavra “neoliberalismo” nem passa perto das páginas da imprensa brasileira, que informa mal o seu público, deixando-o sem referências e sem base para entender o que acontece na política e quais são as relações que determinam o funcionamento da economia no Brasil. É sempre triste dizer, mas a afirmação é necessária: os veículos tradicionais da imprensa brasileira são superficiais e não desejam investigar os problemas do país.